

*Resenhas***MEMÓRIA E CRÔNICA SOCIAL
NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

NONATO, Barbara. *Dias vazios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. 304 p.

*Darlan Roberto dos Santos**

Definir a literatura brasileira do século XXI é tarefa difícil. Findada a modernidade, na qual gêneros e movimentos literários eram analisados sob critérios mais precisos, rotulados com (certa) arbitrariedade, nesses “tempos líquidos” (para usar a expressão *baumaniana*), já não existe o mesmo rigor, quando se trata de organizar, conceitualmente, as mais recentes produções. O fato é que nossa literatura vem se mostrando bastante plural, ramificando-se em vários estilos. Conforme assinala Rebeca Fuks:

O rótulo literatura brasileira contemporânea habitualmente se refere às produções literárias lançadas a partir dos anos 2000, embora alguns teóricos apontem datas iniciais diferentes, alguns a partir da década de 80 e 90. De toda forma, é importante sublinhar que não há entre essas produções literárias nenhum tipo de projeto estético, político ou ideológico comum, não se trata, portanto, de um movimento organizado. (FUKS, 2020, n.p)

Entretanto, mesmo com uma imensa gama de temáticas e estratégias discursivas, é possível afirmar que uma das mais evidentes tendências da literatura nacional tem sido a dissecação da memória. Segundo Vivian:

observa-se que o movimento de (des/re)construção da memória é um constituinte fundamental nas narrativas produzidas recentemente no Brasil por um grupo de escritores. A memória tem se revelado selo estruturante das narrativas que tematizam, de diversas formas, a história do país e suas relações com os problemas do presente. (VIVIAN, 2020, p. 82)

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Faculdade Santa Rita. Professor da Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete.

Nessa seara, muitas vertentes estão sendo exploradas, tais como: a autoficção, o romance histórico e as narrativas urbanas. *Dias Vazios*, de Barbara Nonato, encaixa-se nesse segmento, que vem obtendo reconhecimento do público e da crítica literária. A obra, que chegou às livrarias no final de 2020, representa, ainda, o que a literatura contemporânea tem de mais novo no campo editorial: a autopublicação.

Escritora de contos e romances desde 2016, Barbara teve, com *Dias Vazios*, sua primeira incursão no “grande circuito”. Anteriormente, divulgava seus escritos de forma independente – e assim também se deu com esse livro, que teve dois lançamentos. O primeiro deles, em 2019, ocorreu no *Kindle Direct Publishing* (KDP), plataforma da *Amazon*, que, desde 2012, oferece a escritores a oportunidade de publicação, livre dos trâmites de uma editora tradicional. Em 2020, a obra conquistou o IV Prêmio *Kindle* de Literatura, que teve mais de 1800 concorrentes. A vitória garantiu à autora um contrato com a Nova Fronteira – e o “segundo” lançamento; desta vez, no mercado editorial convencional.

A história que essa ficcionista carioca nos traz é a de Rebeca, que, após doze anos em coma, desperta para a nova vida, na qual terá de recompor suas lembranças, compreender o presente e desvendar as implicações do acidente que a deixou desconectada do mundo. Nessa jornada, ela conta com seu grupo de amigos, e transita entre problemas como violência doméstica, relacionamentos abusivos, *bullying* e corrupção policial. Trata-se, enfim, de um trecho contemporâneo, em que o tom misterioso mescla-se à crítica social e ao relato urbano. Os enredamentos da memória completam o caleidoscópio, em que lembranças e pensamentos das personagens ajudam a descortinar a trama:

Rebeca voltaria para casa. A partir dali, o futuro seria uma incógnita, assim como o seu passado também era. A vida, ela diria, era uma janela aberta para o ontem, onde o belo, aquilo de que ela se recordava, poderia ser notado quilômetros atrás de si, enquanto à sua frente havia uma vastidão de coisa nenhuma. (NONATO, 2020, p. 42)

Nessa intermitência entre dimensões temporais, as lucubrações de Rebeca e seus amigos exercem papel determinante, já que, somente a partir delas, será possível situar-se no presente e projetar-se para o futuro. Uma dinâmica que, de alguma forma, é recorrente em outros autores e obras da atual literatura brasileira. Exemplos não faltam: *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, em que a memória cumpre o propósito de evidenciar a sociedade escravista do século 19 (que ainda reverbera); a autoficção *Antiterapias* (2013), de Jacques Fux, na qual o drama familiar se funde às dores do povo judeu, chegando a *Com*

armas sonolentas (2018), de Carola Saavedra, anunciado como um “romance de formação”¹, e que resgata a vida de três mulheres, atingidas pela solidão.

Em comum, essas narrativas (e tantas outras) têm a memória como elemento central, sempre resgatando consciências individuais e coletivas. Algo, talvez, necessário nesses nossos tempos, em que experiências íntimas e acontecimentos de outrora operam como fragmentos, à espera de novos arranjos. Uma vez aflorados, esses estilhaços conduzem a ressignificações no contexto atual e nas mentalidades dos indivíduos pós-modernos. A esse respeito, Seligmann-Silva considera que: “Toda memória é o resultado de conflitos e negociações que se iniciam dentro das pessoas que vivenciaram aquele evento e depois se desdobram nas relações entre os indivíduos, grupos e classes, que se embatem na esfera pública”. (2012, p.64)

Assim, se a obra de Saavedra é declaradamente um “romance de formação”, *Dias Vazios* configura-se como uma história de (re)construção: da vida da protagonista, de suas reminiscências e também de seu grupo social:

Era preciso ressuscitar o grupo, reuni-lo de verdade e apesar de todos os pesares. Se quisessem seguir em frente e fazer ressurgir o tempo em que comungavam suas vivências, o passado, ao menos a parte mais tenebrosa dele, deveria, de alguma forma, ser despido para que cada um pudesse tirar da bagagem construída durante aqueles doze anos, uma nova roupagem. Cada um deveria ser o que de fato era, sem renegar o que se foi, mas privilegiando o que estava por vir. (NONATO, 2020, p. 171-172)

No entremear de passado e presente, a emergência de dores pessoais (de Rebeca e seus companheiros) e questões de ordem comunitária, o que também se revela exitoso, como ressalta Conceição Evaristo, que assina a orelha do livro:

A autora é engenhosa em dar voz a múltiplas falas de diversas personagens, revelando vidas entrecruzadas. A escrita que beira um romance policial, o enredo não se limita à descoberta de um culpado, mas traz para a literatura um tema tão necessário como a violência contra a mulher, sem perder a graça nem o tom de ficção. (2020, Orelha do livro)

Não por acaso, Conceição é autora de *Becos da Memória* (2006); outra obra contemporânea sob a égide do testemunho e da crônica social. Assim como a aclamada escritora, Barbara Nonato compõe o grupo de autores que, graças às abordagens realizadas, vêm dando identidade à literatura brasileira que se faz contemporânea, por mobilizar anseios e apreensões dos leitores desta época. De acordo com Costa:

¹ O “romance de formação” (Bildungsroman) é aquele no qual o autor explora, detalhadamente, a trajetória de uma personagem, em seus aspectos físicos, morais, psicológicos e/ou sociais. Geralmente, o enredo desenrola-se desde a infância, até a maturidade da persona em questão.

O leitor busca com frequência na literatura as perguntas e possíveis soluções para os acontecimentos, sentimentos e pensamentos que o acometem pelo simples fato de estar vivo. Por isso, a primeira e mais rápida das qualidades que esse leitor atribui a um texto significativo é o poder que a linguagem literária tem de aproximar-se, minimamente, do que acredita ser sua identidade. (COSTA, 2006, p. 82-83)

Dias Vazios tangencia identidades esfaceladas; consciências abaladas por problemas tão típicos da urbanidade, marcada pela violência e pela fugacidade dos sentimentos. Embora possa ser lida apenas como uma narrativa de suspense, a obra oferece a oportunidade de escavarmos inquietações que não são apenas das personagens – mas de toda uma geração. Talvez, em função de sua formação de psicóloga, Barbara Nonato tenha arquitetado o romance com um duplo viés, no qual o leitor encontra a ficção, mas também pode enxergar o reflexo de seu caótico e complexo universo. Afinal, nas palavras de Umberto Eco:

Ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana. (ECO, 1999, p. 93)

Dias Vazios nos possibilita jogar esse jogo, que concilia a fuga da realidade e a tentativa de elucidá-la – por mais paradoxal que possa parecer. É, inegavelmente, um exemplar das "fragmentadas, contraditórias, pluralizadas experiências da nossa contemporaneidade" (PECORARO, 2005, p.20). Um recorte genuíno da literatura atual.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Marta Morais da. *Mapa do mundo: crônicas sobre leitura*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2006.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FUKS, Rebeca. *10 livros para conhecer a literatura contemporânea brasileira*. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/livros-para-conhecer-literatura-contemporanea-brasileira/>. Acesso em 17 mar. 2021.
- NONATO, Barbara. *Dias Vazios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
- PECORARO, Rossano. *Nihilismo e (Pós) Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2005.
- SARAMAGO. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrativas contra o silêncio: cinema e ditadura no Brasil. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio *et al.* (Org.) *Escritas da violência*. Vol II. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

VIVIAN, Ilse. A poética de Carola Saavedra: memória e decolonialidade em *Com armas sonolentas*. In: LOURENÇO, Camila Morgana; MARKENDORF, Marcio (Org.). *A contemporânea literatura brasileira: poéticas do século XXI em debate*. Florianópolis: Literatual/UFSC, 2020. p. 81-98.

Recebido em: 18/03/2021.

Aprovado em: 07/07/2021.